

BREVE HISTÓRIA DO VOLEIBOL BRASILEIRO E A CONTRIBUIÇÃO DA EDUCAÇÃO FÍSICA PARA ESSE ESPORTE – 1984 ATÉ 1989

BRIEF HISTORY OF THE BRAZILIAN VOLLEYBALL AND THE CONTRIBUTION OF THE PHYSICAL EDUCATION FOR THIS SPORT -1984 UNTIL 1989

Nelson Kautzner Marques Junior

kautzner123456789junior@gmail.com

Membro do Comitê Científico da Revista Observatorio del Deporte,
Universidad de Los Lagos, Santiago do Chile
Niterói, Rio de Janeiro,
Brasil

RESUMEN

El propósito de la revisión fue presentar la historia del voleibol brasileño y los beneficios de la educación física para este deporte desde 1984 a 1989. El artículo consta de dos capítulos, la parte 1 es sobre 1984 y la parte 2 es de 1985 a 1989. En cada capítulo se presentan los principales eventos sobre el voleibol brasileño y la educación física de esa nación. En conclusión, el conocimiento del tiempo que el Brasil tomó para triunfar en esta modalidad es un parámetro para otras naciones.

Palabras clave: deporte, entrenamiento, historia, rendimiento, voleibol.

ABSTRACT

The objective of the review was to present the history of the Brazilian volleyball and the benefits of physical education for this sport during 1984 to 1989. The article consists of two chapters, the part 1 is about 1984 and the part 2 is of 1985 to 1989. In each chapter are presented the main events about the Brazilian volleyball and the physical education of this nation. In conclusion, the knowledge about the time that the Brazil managed to win in this modality is a parameter for other nations.

Keywords: sport, training, performance, volleyball.

RESUMO

O objetivo da revisão foi apresentar a história do voleibol brasileiro e os benefícios da educação física para esse esporte no período de 1984 a 1989. O artigo é composto por dois capítulos, a parte 1 é sobre 1984 e a parte 2 é de 1985 a 1989. Em cada capítulo são apresentados os principais acontecimentos sobre o voleibol brasileiro e da educação física dessa nação. Em conclusão, o conhecimento sobre o tempo que o Brasil levou para se tornar vitorioso nessa modalidade é um parâmetro para outras nações.

Palavras chaves: esporte, treino, história, performance, voleibol.

INTRODUÇÃO

O ano de 1964 é muito importante para a história do treinamento esportivo porque o russo Lev Pavilovch Matveev defendeu sua tese de doutorado em Moscou, onde apresentou os resultados soviéticos dos anos 50 e 60 do atletismo, da natação e do halterofilismo com o uso da sua periodização (Bokan, 2010). Após esse ocorrido, em 1965, sua tese de doutorado foi publicado como livro e essa obra com sua concepção de periodização foi traduzido para vários idiomas (Matveev, 1977). Em seguida foram criadas outras concepções de periodização no período de 1971 a 1984 para vários esportes (Marques Junior, 2020). Portanto, o mundo já conhecia vários tipos de periodização, mas a mais difundida no mundo ocidental era a periodização tradicional de Matveev. Então, a disputa do voleibol nos Jogos Olímpicos de 1984 prometia uma competição muito equilibrada porque o conhecimento da periodização já era popularizado na maioria dos países.

Entretanto, no período de 1964 a 1984, somente os países da escola socialista do treinamento esportivo elaboraram alguma concepção de periodização – Matveev em 1952 nos Jogos Olímpicos (Rússia), Arosiev e Kalinin em 1971 (Rússia), Vorobiev em 1974 (Rússia), Tschiene em 1977 (Alemanha Oriental), Verkhoshanski em 1979 (Rússia),

Bondarchuk em 1984 (Ucrânia), Bompá em 1984 (Romênia) e outros tipos de periodização que não chegaram ao mundo ocidental (Marques Junior, 2020b). Essas nações eram as mais destacadas no voleibol, o caso da União das Repúblicas Socialistas Soviéticas (URSS, formada em 1922, composta pela Rússia, Ucrânia e por mais 13 países), Bulgária, Polônia, Tchecoslováquia, Cuba e outros. Um dos motivos da elevada atenção no voleibol por esses países é que as regras desse esporte reproduzem as ideias básicas do comunismo, todos se ajudando para atingir um objetivo (Guimarães e Matta, 2004).

Porém, o comunismo só existiu na URSS até 1924, após a morte de Lênin (faleceu em 1924), Stalin realizou um golpe de estado com os seus comandados e implantou uma ditadura de 1924 até 1953 quando faleceu (Marques Junior, 2019). Os demais presidentes soviéticos continuaram com um regime político totalitário que foi “caminhando” para o capitalismo. As nações da Europa (Bulgária, Tchecoslováquia, Hungria, Polônia, Romênia, Alemanha Oriental etc) que adotaram o regime político da URSS após a 2ª Guerra Mundial (terminou em 1945) se tornaram ditaduras, mas nesses países era informado que aquele regime político era o comunismo.

Em Cuba foi diferente, após a ilha do Caribe se libertar do domínio colonial dos Estados Unidos da América (EUA) em 1959 (Marques Junior, 2020c). Em 1961, um exército de mercenários treinados pelos EUA fracassou no ataque à Cuba pela Baía dos Porcos, após esse momento o líder cubano se declarou socialista e se aliou a URSS para pedir ajuda militar a essa nação. Posteriormente foi instalado diversos mísseis nucleares soviéticos direcionados para os EUA. Em 1962, através de uma espionagem de avião dos estadunidenses foram detectados esses mísseis. Então, EUA e URSS que se encontravam na “Guerra Fria”, fizeram um acordo da retirada dos mísseis de Cuba e de não agressão dos estadunidenses a ilha do Caribe. Esse acontecimento foi denominado de crise dos mísseis. Cuba adotou um regime político fechado com uma tendência ao socialismo.

Próximo dos Jogos Olímpicos de 1984, os países socialistas resolveram não participar desse evento, somente Romênia, China, Iugoslávia, Benin e Congo que tinham regime político alinhado ao da URSS estiveram nesse evento. Então, esse boicote dos Jogos Olímpicos favoreceu o voleibol masculino do Brasil em conquistar a 1ª medalha olímpica porque as principais potências nessa modalidade e os maiores conhecedores sobre a periodização não participaram dessa competição.

O objetivo da revisão foi apresentar a história do voleibol brasileiro e os benefícios da educação física para esse esporte no período de 1982 até 1989.

VOLEIBOL BRASILEIRO E A EDUCAÇÃO FÍSICA DO BRASIL – 1984

A preparação para a Olimpíada de 1984 em Los Angeles foi realizada através de jogos amistosos e competições de menor importância. Por exemplo, no ginásio do Ibirapuera, São Paulo, aconteceu o 2º Mundialito de Voleibol, tendo presença da Coreia do Sul, Argentina, China, Polônia, Cuba e Iugoslávia. Esse evento o Brasil venceu Cuba, no dia 11 de junho de 84, data próxima da Olimpíada, aumentando a confiança do grupo, ou seja, o Brasil foi campeão do 2º Mundialito de 1984 (Placar, 1984) – veja um dos jogos em <https://www.youtube.com/watch?v=8YpkJR9zLNg>. Após a final do 2º Mundialito de 1984, Gustavo Herrera, técnico de Cuba, concluiu (Placar, 1985): “Me deem o William e eu serei campeão do que disputar”. As palavras do técnico cubano mostraram como a medalha olímpica estava próxima, principalmente depois que a URSS anunciou que não ia participar dos Jogos Olímpicos de Los Angeles em 1984.

O CELAFISCS foi importante para a “Geração de Prata”, realizou a bateria de testes na seleção masculina antes dos Jogos Olímpicos de 1984 (Marques Junior, 2012). Para saber mais sobre esse laboratório acesse <http://www.celafiscs.org.br/>. Próximo da Olimpíada, o técnico Bebeto de Freitas já tinha os 12 atletas, sendo que 8 eram titulares (Amauri,

Bernard, William, Renan, Xandó, Fernandão, Montanaro e Badá) (Jornal do Brasil, 1984).

A figura 1 mostra a seleção medalha de prata na Olimpíada de 1984.



Figura 1. Atletas e comissão técnica que foram medalha de prata em 1984.

Em pé, da esquerda para direita temos José Mathias (fisioterapeuta), Brunoro (auxiliar técnico), Badá (ponta ou oposto), Amauri (central), Rui (ponta ou central), Bernard (ponta), Marcus Vinícius (ponta ou central) e Bebeto (técnico). Sentados, da esquerda para direita temos, Paulo Sérgio Rocha (preparador físico), Domingos Maracanã (central), Montanaro (ponta), Bernardinho (levantador), William (levantador), Renan (ponta ou oposto), Fernandão (central) e o auxiliar técnico Jorjão, não estando presente na foto (Extraído do Jornal do Brasil, 1984).

Antes de começar os Jogos Olímpicos, Bernard prometeu: “Esta semana, ele começa a jogar sua própria vida em Los Angeles” (Placar, 1984b). Apesar da grande motivação da equipe, a seleção tinha problemas, o “Jornada nas Estrelas” não podia ser executado, existia um enorme placar eletrônico no centro da quadra e ao seu redor, tinha diversas bandeiras dos países participantes do voleibol. Também, vários jogadores estavam contundidos, Renan com problema no tornozelo, Fernandão com conjuntivite, Badá com calcificação da patela e Domingos Maracanã com torcicolo. Porém, isso não impediu da seleção masculina chegar à final contra os EUA, no dia 11 de agosto de 1984 (Maranhão, 1984). Antes da final, era total confiança, por exemplo, Domingos Maracanã prometeu: “Vou matá-los esta noite”.

Mas os estadunidenses não deram chance, efetuaram bem todos os fundamentos, foi uma aula de voleibol, vencendo facilmente por 3 sets a 0. O grande nome da partida foi Pat Powers (oposto), com seus ataques na rede e no fundo da quadra. O sexteto titular

americano também era formado por Kiraly (ponta), Dvorak (levantador), Berzins (ponta), Buck (central) e Timmons (central), todos foram perfeitos durante o jogo, sob o comando de Doug Beal (Marques Junior, 2015). Era uma seleção montada com todo aparato científico.

A periodização usada pelos EUA era a concepção de Matveev com ênfase no treino de força e sem trabalho aeróbio (McGown et al., 1990). A estruturação dessa periodização como preparação para os Jogos Olímpicos de 1984 não utilizou o período preparatório de preparação geral indicado por Matveev. Somente o período preparatório de preparação especial e o período competitivo foi realizado pelos EUA. Os campeões olímpicos estavam muito atualizados porque a preparação geral não é indicada para esportistas do alto rendimento esportivo (Forteza, 2001).

A seleção dos EUA apresentou um sistema de recepção com dois jogadores, os atletas de ponta, isso ocasionou um acerto de 87% do passe e as demais seleções atingiram somente 70% de acerto da recepção (Ugrinowitsch e Uehara, 2006). Isso facilitou a organização ofensiva da equipe e ainda contou no ataque dos 3 metros com dois atletas, um jogador oposto e outro central. A estatura da equipe titular dos EUA era de $1,94\pm 0,06$ metros (m) (Marques Junior, 2016) e do Brasil de $1,90\pm 0,07$ m (Marques Junior, 2012b). Utilizando o software Kinovea® foi possível identificar o desempenho físico do 3º set da final masculina do voleibol dos Jogos Olímpicos de 1984 entre EUA e Brasil (Bra) (Marques Junior, 2016). A figura 2 apresenta esses dados.

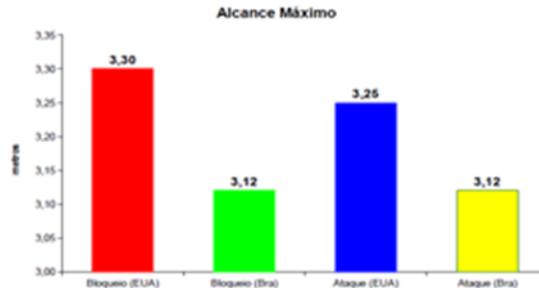


Figura 2. Desempenho físico do 3º set da final Olímpica de 1984 (Extraído de Marques Junior, 2016).

Após a decepção dos brasileiros, a medalha de prata foi valorizada pelos meios de comunicação, o Jornal do Brasil publicou um suplemento especial gratuito, na compra do Jornal, o leitor ganhava um pôster da “Geração de Prata” (Obs.: Na época era chamada de “Geração de Ouro”) (JB, 1984). Essa promoção era noticiada no rádio. A figura 3 expõe as belas fotos do pôster.

Figura 3. Xandó cortando contra a Coréia do Sul e a equipe na entrega das flâmulas (Extraído do JB, 1984).

O leitor também pode saber mais sobre a “Geração de Prata” nos seguintes linques:
<http://globoesporte.globo.com/volei/noticia/2014/08/do-jornada-ao-viagem-geracao-de-prata-marca-evolucao-tecnica-do-volei.html>

<https://www.youtube.com/watch?v=apqsGfLvAg4>.

Apesar da derrota do Brasil para os EUA na final dos Jogos Olímpicos de 1984, em entrevista para o Via Esporte no dia 26 de setembro de 2009, Bernard afirmou que o Brasil era melhor do que os EUA, ele considera o responsável pela derrota o problema de relacionamento do grupo – veja em <https://www.youtube.com/watch?v=gyE-GHng85Y>. O ex-jogador informou que em 1983, Brasil e EUA fizeram 15 jogos amistosos, o Brasil venceu 11 partidas e perdeu 4 com a equipe reserva.

O Jornal do Brasil (1989) corroborou as explicações de Bernard, sobre a derrota do Brasil para os EUA na Olimpíada de 1984. Após tanta badalação dos jogadores, serviu para aumentar o jogo de vaidades e mostrar que ninguém estava preparado para a fama. Poucos minutos antes da seleção masculina entrar na quadra do Arena, na final olímpica de 1984 contra os EUA, ocorreu um problema de relacionamento entre os atletas. Até hoje, o episódio não foi totalmente esclarecido, é mais um dos casos mal explicados que o vôlei colecionou. A seleção entrou na quadra abalada emocionalmente e foi derrotada por 3 a 0.

O jornalista Paulo Stein informou em 2016 que a derrota do Brasil para os EUA foi por causa de uma briga entre os jogadores, veja em <http://sportv.globo.com/videos/volei/t/ultimos/v/paulo-stein-revela-briga-dos-bastidores-da-selecao-de-volei-na-olimpiada-de-1984/5229772/>.

Então fica a pergunta: caso os brasileiros não tivessem problema de relacionamento o resultado aconteceria diferente? A medalha de ouro.

A figura 4 expõe os atletas recebendo a primeira medalha do Brasil em esportes coletivos nos Jogos Olímpicos de 1984, sendo o vice-campeonato mais comemorado nesse país. Onde o 2º lugar é o primeiro dos últimos, o brasileiro não valoriza essa colocação, mas com a “Geração de Prata” isso foi diferente.

O voleibol feminino teve o desempenho esperado nos Jogos Olímpicos de 1984, terminou essa competição em 7º lugar, mas duas partidas essa equipe surpreendeu na disputa. Contra a China que foi campeã olímpica, a seleção perdeu por 3 a 0, mas os parciais mostram que o jogo foi muito disputado – 15 a 13, 15 a 10 e 15 a 11 (Henrique, 2017). O melhor jogo dessa seleção foi contra os EUA (foi medalha de prata) na fase de grupo (Tavares e Mourão, 2016). A equipe vencia por 2 sets a 0 os EUA, mas acabou sendo derrotada pelas estadunidenses por 3 a 2 em um jogo muito difícil. Mais detalhes sobre essas duas partidas

veja em <https://saidaderede.blogosfera.uol.com.br/2017/01/05/memoria-o-volei-feminino-do-brasil-e-seus-primeiros-sinais-de-grandeza/>.

Após a Olimpíada de 84, foi identificado que o voleibol era o 2º esporte de preferência entre os jovens de 15 a 24 anos de idade, empatando com o futebol de campo (Placar, 1985b). Perdendo apenas para o futebol de salão. Posteriormente, seria constatado pela CBV, que de 1980 a 2000, o voleibol se tornaria a 2ª modalidade de preferência do brasileiro (Vlastuin, Almeida e Marchi Júnior, 2008).

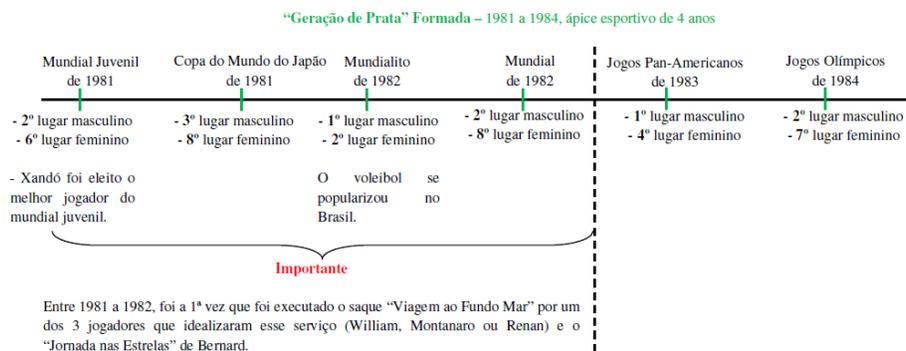


Figura 4. Linha do tempo do voleibol brasileiro no período de 1981 a 1984.

Outro importante resultado do voleibol masculino foi a vitória de 3 a 2 da Pirelli (de Santo André, SP) frente a Bradesco Atlântica (RJ) no 1º Mundial Interclubes, realizado no Ibirapuera, em São Paulo – 10 a 15, 5 a 15, 15 a 10, 15 a 13 e 15 a 1. Isso aconteceu em 20 de outubro de 1984. A figura 5 mostra o ocorrido.

VOLEIBOL BRASILEIRO E A EDUCAÇÃO FÍSICA DO BRASIL – 1985 a 1989

De 1985 a 1988, aconteceu um pequeno declínio do voleibol brasileiro masculino, a causa foi a não permanência no pódio nas principais disputas. Segundo Montanaro, um dos ponteiros da “Geração de Prata”, em entrevista concedida ao programa Clássicos BandSports, em 6 de janeiro de 2005, “um dos problemas da seleção masculina foi a desunião do grupo, por esse motivo passou a não estar entre as 3 melhores equipes nas principais competições”. Por exemplo, ficou em 4º lugar na Copa do Mundo do Japão de 85 (1º EUA, 2º URSS e 3º Tchecoslováquia) e esteve em 4º lugar no Mundial de 86 (1º EUA, 2º URSS e 3º Bulgária).

Apesar do 4º lugar na Copa do Mundo do Japão de 1985, o atacante Renan recebeu um prêmio especial, foi eleito o melhor atacante e o jogador mais espetacular da competição equivalendo ao MVP (MVP é most valuable player, jogador mais valioso da disputa), ficando ainda entre os 6 melhores jogadores da competição, ao lado de Kiraly, Berzins e Dvorak dos Estados Unidos, do soviético Antonof e do tcheco Chrtansky (O Globo, 1985).

Outro desempenho espetacular aconteceu no Mundial de 1986, apesar do 4º lugar (Sperândio, 1986). No Grupo E da 2ª fase, o Brasil perdia o 3º set por 14 a 7 para a França, conseguiu vencer esse set por 20 a 18. A equipe brasileira venceu a partida por 3 sets a 1, com parciais de 15/13, 6/15, 20/18 e 15/5. O melhor jogador da partida foi Xandó com seus fortes ataques na rede e da linha dos 3 metros (Veja esse 3º set desse jogo em <https://www.youtube.com/watch?v=CIEZC52TeLQ>). Outro jogo muito bom nesse Mundial foi a final entre os EUA versus a URSS, ganha pelos estadunidenses. Essa partida pode ser observada em <https://www.youtube.com/watch?v=dNVjC1JyeLU>. Em 1986, o CELAFISCS realizou um estudo cineantropométrico com vários jogadores que tiveram no

Mundial de 86 (Silva e Rivet, 1988). É possível observar na tabela 1 que a maioria dos testes os melhores desempenhos foram dos jogadores de ponta (agilidade, velocidade e salto vertical), seguido dos levantadores e por último os centrais. Os resultados são apresentados na tabela 1.

Tabela 1. Resultados das avaliações cineantropométricas da seleção masculina de 86.

Posição	Estatura (cm)	Agilidade de 9,14 m (segundos)	Velocidade de 50 m (segundos)	Resistência Anaeróbia de 40 segundos (metros)	Salto vertical com contramovimento (cm)	Salto vertical com contramovimento e com balanceio dos braços (cm)	VO ₂ máx (ml/kg/min)
Ponta (n = 6)	190,6±3,90	8,75±0,45	6,61±0,26	290,2±6,38	57,17±5,31	70,67±4,55	57,90±9,29
Central (n = 4)	196,5±2,40	9,53±0,62	7±0,25	288±6,68	50,25±6,70	62,75±4,92	59,68±8,71
Levantador (n = 2)	185,7±0,07	8,91±0,29	6,78±0,16	296±21,21	55±1,41	66,50±4,95	60,50±9,33

Em maio de 1987, aconteceu o Pré-olímpico de Voleibol Masculino em Brasília, capital do Brasil, valendo uma vaga para a Olimpíada de 1988, tendo a presença de 5 países (Argentina, Cuba, França, Japão e Egito) (Saque, 1987). A seleção brasileira masculina não se classificou (Obs.: A vaga foi conquistada pela Argentina), um dos motivos do fraco desempenho foi problema de relacionamento entre jogadores “Cariocas” e “Paulistas” (Obs.: Assim eram chamados os atletas que atuavam no time do Rio de Janeiro e de São Paulo). Por causa dos resultados ruins, o técnico Brunoro foi substituído pelo coreano Sohn. A escolha de Sohn para técnico da seleção foi baseado nos seus últimos resultados, sob o comando do Minas Tênis Clube sagrou-se tricampeão brasileiro (84, 85 e 86) e revelou jogadores talentosos como o excelente cortador Pelé (ponta ou oposto de 1,92 m), o bom bloqueador Elberto (central de 1,96 m), o capitão e completo (Completo significa que o jogador domina bem todos os fundamentos) Henrique Bassi (ponta de 1,75 m).

O método de treino de Sohn era inovador para o voleibol brasileiro, se preocupava muito com o aspecto psicológico e dava prioridade à defesa e ao bloqueio porque esses dois fundamentos evitam que o adversário marque ponto. O ataque era considerado importante pelo coreano, mas ele achava fácil de ser aprendido, já é uma ação natural do ser humano.

Outra novidade nas suas sessões eram os exercícios de ginástica olímpica e também era dada muita atenção ao treino de musculação e de salto em profundidade (Marques Junior, 2012). Sohn estabeleceu duas diretrizes para a seleção masculina voltar ao pódio: a estatura dos atletas deveria ser maior e a renovação era importante para o grupo obter sucesso na Olimpíada de 1988 e nas futuras disputas (Obs.: Em 89 a seleção masculina seguiu esses ensinamentos e o Brasil foi campeão olímpico em 92).

No início do trabalho, Sohn foi muito elogiado, o capitão da equipe era Bernard, sempre considerava o coreano um grande mestre, achando seus métodos de treino excelentes (ginástica olímpica, sessões psicológicas, ênfase no bloqueio e na defesa e outros). Parecia que a seleção masculina tinha acabado com a briga interna entre os jogadores, principalmente depois que conquistou em agosto de 1987 a medalha de bronze frente a Argentina, isso aconteceu no Pan-americano de Indianápolis, nos EUA (Marques Junior, 2012).

Contudo, o modelo de jogo da seleção masculina era muito criticado, a recepção não era boa e interferia na qualidade da distribuição do levantamento (Jornal do Brasil, 1987). Sohn continuou no cargo, em setembro de 87, classificou a seleção masculina para Olimpíada de 88, venceu o Sul-Americano com vitória diante da Argentina. Após 10 meses de trabalho, os jogadores passaram a criticar os seus métodos de treino, fizeram um manifesto pedindo a sua saída, resultando no afastamento dos líderes dessa iniciativa (Bernard, Xandó e Renan) e na permanência de Sohn, que durou apenas por mais 3 meses (Marques Junior, 2012).

Então, a direção da Confederação Brasileira de Voleibol (CBV) contratou Bebeto de Freitas (fora da seleção desde 1984) para dirigir o voleibol masculino na Olimpíada de 1988. Ninguém acreditava no grupo, formado por atletas veteranos da “Geração de Prata” (Renan, William, Montanaro, Amauri – esses quatro atletas eram chamados pelo treinador de intocáveis porque eram os titulares, Léo e Domingos Maracanã) e por novatos (Pampa, Paulão, Carlão, Vágner Bocão, Maurício e Paulo Roesse), a seleção conseguiu um honroso 4º lugar, perdendo o bronze para a excelente Argentina (Veja a seleção da Argentina em <https://www.youtube.com/watch?v=QtNHQcPX1K4> ou em <https://www.youtube.com/watch?v=OrxPRLY8XYA>). Vágner Bocão que era atleta da Sadia de Santa Catarina substituiu Xandó, que foi cortado na Vila Olímpica por causa de uma lesão no joelho. Para muitos especialistas do voleibol da época, seria mais adequado a convocação de Pelé do Minas Tênis Clube para o lugar de Xandó, mas isso não aconteceu. O atacante Renan foi um dos jogadores mais espetaculares durante esses Jogos Olímpicos, também aconteceu uma final sensacional entre EUA e URSS, ganha pelos estadunidenses. Nessa Olimpíada de 1988 foi introduzido o tie break no 5º set, onde as equipes disputam a partida sem vantagem.

O voleibol feminino também obteve êxito no período de 1985 a 1988 (4º lugar no Mundial Juvenil de 85, 6º lugar na Copa do Mundo do Japão de 85, 5º lugar no Mundial de 86, 4º lugar no Pan-Americano de 1987 e 6º lugar na Olimpíada de 88), sendo marcado por desentendimento entre atletas e dirigentes. Em 85, algumas jogadoras da seleção pediram dispensa (Isabel, Vera Mossa, Sandra e Dulce), mas foi à levantadora Jaqueline a ocupar maior atenção do público (Marques Junior, 2012). Em julho de 1985, em entrevista à Revista Placar, Jaqueline falava de autoritarismo, sexo e dos bastidores do vôlei (Placar, 1985c). Ela ainda escreveu o livro Vida de Cachorro, criticando o voleibol brasileiro. Imediatamente a levantadora foi banida do voleibol do nosso país, nenhuma equipe queria contratar a atleta por causa da sua briga com a direção da CBV, a voleibolista foi obrigada a

jogar voleibol de dupla na areia nos EUA.

No Mundial Juvenil de 1985 a seleção feminina obteve um 4º lugar, mesma posição conquistada nessa disputa em 1977 (Placar, 1985c). Porém, a jogadora de ponta Ana Lúcia recebeu um prêmio especial, foi eleita a 2ª melhor jogadora do Mundial, ficando atrás somente da cubana Mireya, a melhor atleta dessa disputa e da seleção campeã. Essa premiação não é comum no voleibol, mas Ana Lúcia jogou tão bem o Mundial que a organização lhe concedeu esse prêmio especial. Após esse sucesso, ela foi convocada para a seleção adulta e a levantadora Ana Richa também, sendo outro destaque nessa competição.

Em 1985, após a seleção feminina de voleibol da China conquistar todos os títulos de 1982 a 1985 (Mundial de 82, Olimpíada de 84 e Copa do Mundo do Japão de 85), a Federação Internacional de Voleibol promoveu o Jogo do Século nas cidades de Pequim e Shanghai, entre a seleção feminina de voleibol da China versus a seleção do Resto do Mundo (Tavares e Mourão, 2016). Na seleção do Resto do Mundo foram convocadas as melhores jogadoras da Europa, Ásia e das Américas, tendo somente uma brasileira, a gaúcha Heloísa Roese de 29 anos, atleta de meio de rede e com 1,80 metros (m). A seleção da China venceu os dois jogos, sendo 3 a 1 e 3 a 2. A figura 8 mostra essa jogadora do Brasil e a seleção do Resto do Mundo.



Figura 8. Heloísa Roese. A partir da esquerda temos as 12 jogadoras da seleção do Resto do Mundo

(Extraído dos Ídolos do Vôlei, Facebook).

No final de 1984 o auxiliar técnico da seleção brasileira masculina de voleibol Jorjão assumiu o cargo de técnico da seleção brasileira feminina e começou aplicar os meios e métodos nas mulheres que foram utilizados na “Geração de Prata” (Barros, 1994).

Em 1986 sob o comando de Jorjão e do preparador físico Júlio Noronha, a seleção treinou por 4 meses no Brasil como preparação para o Mundial de 86 que foi realizado na Tchecoslováquia (Placar, 1986). A equipe feminina treinou dois turnos de 4 horas (manhã e noite) no Floresta Country Clube que fica no bairro de Jacarepaguá, localizado na zona oeste do Rio de Janeiro. Além da seleção praticar extenuantes sessões técnico e táticas, o trabalho físico consistiu de musculação e corrida, isso permitiu das mulheres do voleibol de aumentar em 6% a velocidade e 9% a força (Placar, 1986). Após esse excelente trabalho, o voleibol feminino teve boa participação no Mundial de 86, a equipe obteve um honroso 5º lugar – 1º lugar China, 2º lugar Cuba, 3º lugar Peru e 4º lugar Alemanha Oriental (Placar, 1987). Essa equipe era composta por jovens atletas (Ana Lúcia, Ana Richa, Adriana, Denise etc) e por veteranas (Sandra, Isabel, Regina Uchôa e outras), talvez isso tenha sido um dos motivos do sucesso do grupo. Alguns jogos desse Mundial podem ser assistidos, veja Brasil e Cuba (<https://www.youtube.com/watch?v=ZmKIIKnDC9U> ou em <https://www.youtube.com/watch?v=YMV3Ak8enBo>) e Brasil e Coreia do Sul (<https://www.youtube.com/watch?v=4KEzCjrILkA>). Esse resultado do voleibol feminino é considerado o início do trabalho para ele atingir o pódio nas futuras disputas.

Nesse Mundial de 86 teve uma novidade, após cada jogo uma equipe de jurados escolhia a melhor jogadora de cada seleção do confronto, as eleitas ganhavam um troféu (Saque, 1986). No Brasil as melhores jogadoras de cada partida foram as seguintes: Isabel em dois jogos seguidos (Brasil 0 x 3 Cuba, Brasil 1 x 3 Peru), Ana Lúcia (Brasil 3 x 1 Alemanha Ocidental), Regina Uchôa (Brasil 2 x 3 Bulgária), Eliani (Brasil 3 x 0 Tchecoslováquia), Ana Richa (Brasil 3 x 0 Coreia do Sul), Sandra (Brasil 3 x 1 Japão) e Ana Richa (Brasil 3 x 0 União Soviética).

Em 1987 o voleibol feminino conseguiu um excelente resultado, conquistou o título mundial juvenil (atualmente é o sub 20) frente a Coréia do Sul, a jogadora Ana Moser foi eleita a melhor dessa disputa (Bizzocchi, 2004). Essa seleção era composta por Simone Storm, Denise, Fernanda Venturini, Kerly, Ana Flávia, Fátima, Márcia Fu, Virna e outras jogadoras, tendo o técnico Marco Aurélio – veja essa equipe em <https://www.youtube.com/watch?v=Kmjvx8KqX1w>. Em 1989, pela segunda vez consecutiva, a seleção juvenil conquistou o bicampeonato mundial derrotando Cuba sob o comando do técnico Wadson Lima.

Nesse mesmo ano, em 1989, o voleibol masculino juvenil foi 3º lugar no mundial, essa equipe era comandada por Jorjão (Barros, 1994). Nessa seleção jogaram os futuros campeões olímpicos de 1992, tendo Marcelo Negrão, Tande, Janelson, Douglas, Giovane e outros excelentes atletas. Após o mundial juvenil masculino de 1989, vários desses voleibolistas foram promovidos para a seleção principal porque a “Geração de Prata” pediu dispensa da seleção. Eles conquistaram o sul-americano de 1989 vencendo a Argentina, mas no feminino, o Brasil perdeu para o Peru – veja em <https://www.youtube.com/watch?v=hgTqpPUy2Dw>.

Apesar desses bons resultados, em 1989, o Governo Collor suspendeu a Lei de Incentivo Fiscal para o Esporte (Tubino, 2002), essa iniciativa acabou com diversos clubes empresas de voleibol do Brasil (Obs.: Essa lei só retornou em 2001).

O período de 1985 a 1988 aconteceu uma lenta proliferação dos cursos de mestrado e de doutorado da educação física, principalmente na região Sul e Sudeste (Tubino, 1996). Também, continuou a ocorrer uma pequena produção de revistas científicas e de editoras dedicadas à Educação Física. Então, o avanço científico da Educação Física brasileira permitiu aos treinadores do voleibol um maior conhecimento sobre essa modalidade.

Alguns livros tiveram partes dedicadas ao voleibol, facilitando o trabalho dos técnicos e dos preparadores físicos, por exemplo, a obra de Barbanti (1986). Entretanto, como nos anos 80 o treino físico utilizava muito a periodização de Matveev, era dada muito atenção às sessões de corrida contínua aeróbia, gerando um trabalho cardiopulmonar menos específico (Obs.: o ideal seria o *farlek* ou o treino intervalado).

Mas Ouellet (1985) informou no livro de fisiologia que o voleibol tem longa duração de jogo (44 minutos a 2 horas e 26 minutos) e possui rali de curto tempo (7 a 8,5 segundos). Portanto, essa modalidade foi classificada como um esporte intermitente (tem esforço e pausa), predominando no rali o sistema ATP-CP e na pausa o metabolismo aeróbio. Ouellet (1985) recomendou o seguinte treino cardiopulmonar ao identificar essas características do voleibol: treino intervalado de corrida e/ou através do treino técnico, para trabalhar o sistema ATP-CP (metabolismo do rali) ou o metabolismo aeróbio (importante na recuperação do atleta após cada rali). Portanto, alguns técnicos tiveram acesso esse trabalho e passaram prescrever um treino específico.

Somente em 1987, dois estudiosos do treinamento esportivo, o Prof. Paulo Roberto de Oliveira e Antonio Carlos Gomes tiveram contato com uma nova periodização, a concepção em bloco de Verkhoshanski (Oliveira, 2008). Então, nessa época predominava no voleibol a periodização tradicional de Matveev. Entretanto, atletas que realizam por muito tempo uma mesma periodização podem entrar em estagnação no aspecto físico e técnico e tático (Marques Junior, 2009). Logo, é possível notar que, apesar da evolução da educação física brasileira, ela ainda precisava de mais conhecimento científico para os treinadores do voleibol prescreverem com melhor qualidade as sessões.

A figura 9 apresenta os principais acontecimentos do fim dos anos 80 e após esse período.

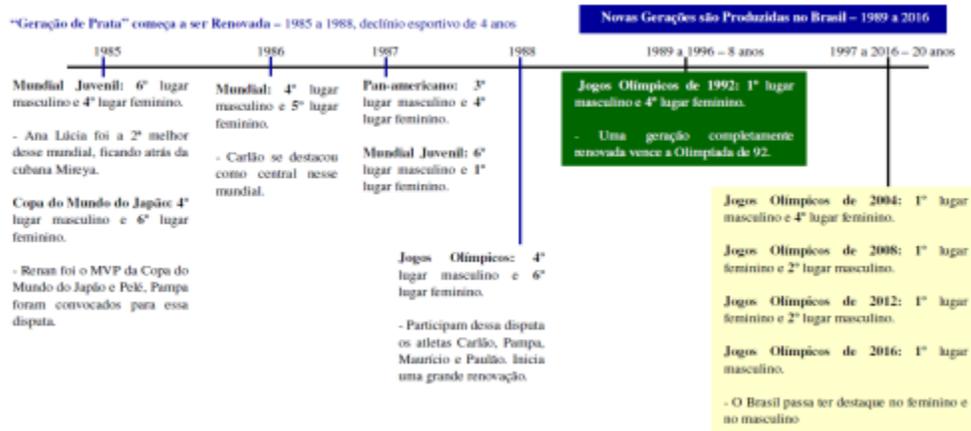


Figura 9. Linha do tempo dos principais acontecimentos do voleibol brasileiro.

CONCLUSÕES

Após 20 anos de preparação do voleibol brasileiro masculino que foi dos anos 60 e 70, iniciou o período vitorioso dessa modalidade a partir do 5º lugar nos Jogos Olímpicos de 1980. Mas foi durante 1981 a 1984 (por 4 anos) que a seleção brasileira masculina esteve no pódio em todas as disputas – ver figura 4. Porém, de 1985 a 1988 (por 4 anos), a “Geração de Prata” começou a declinar nas competições porque ficou em 4º lugar nas principais disputas, mas começou uma lenta renovação das seleções masculinas ver figura 9.

Ao final de 1984 e principalmente em 1986, o treinamento das seleções femininas começaram a ser mais intensos porque foram aplicados os mesmos meios e métodos da “Geração de Prata” nas mulheres e isso resultou em um 5º lugar no Mundial de 86. Esse resultado é o início para futuras conquistas do voleibol brasileiro feminino, mas ainda as mulheres continuaram a fazer uma longa preparação para se tornarem vitoriosas nos anos 90, precisamente a partir de 1994. Portanto, o voleibol feminino levou 24 anos (anos 70 a 1993) para conseguir êxito nesse esporte.

Em conclusão, o conhecimento sobre o tempo que o Brasil levou para se tornar vitorioso nessa modalidade é um parâmetro para outras nações.

REFERÊNCIAS

Barbanti, V. (1986). *Treinamento físico: bases científicas*. São Paulo: CLR Balieiro.

Barros, J. (1994). *Voleibol moderno: sistema defensivo*. Rio de Janeiro: GPS.

Bokan, B. (2010). L. P. Matveyev: theory and methodology of physical culture. *Physical Culture*, 64(1), 79-90.

Forteza, A. (2001). *Treinamento desportivo: carga, estrutura e planejamento*. São Paulo: Phorte.

Guimarães, G., e Matta, P. (2004). Uma história comentada da transformação do voleibol: do jogo ao desporto espetáculo. *Revista de Educação Física*, -(128), 79-88.

Henrique, S. (2017). Memória: o vôlei feminino do Brasil e seus primeiros sinais de grandeza. *Saída da Rede*, -(-), -. Acesso em: 10 jun. 2020. Disponível em: <https://saidaderede.blogosfera.uol.com.br/2017/01/05/memoria-o-volei-feminino-do-brasil-e-seus-primeiros-sinais-de-grandeza/>.

Jornal do Brasil (1984). *O Brasil na Olimpíada*, -(-), 8-9.

Jornal do Brasil (1987). *Vôlei masculino vence Argentina e conquista medalha de bronze*, -(-), -.

Jornal do Brasil (1989). *A década do vôlei*, -(-), -.

JB (1984). Vôlei do Brasil medalha de prata. *Jornal do Brasil*, -(-), pôster.

Maranhão, C. (1984). O sonho acaba em prata. *Placar*, -(-), 5-7.

Marques Junior, N. (2009). O efeito da periodização em um atleta do voleibol na areia – 1999 a 2008. *Movimento e Percepção*, 8(9), 54-94.

Marques Junior, N. (2012). História do voleibol no Brasil e o efeito da evolução científica da educação física brasileira nesse esporte. *Lecturas: Educación Física y Deportes*, 17(170), 1-29.

Marques Junior, N. (2012b). Medalhas nos Jogos Olímpicos: estatura das seleções do voleibol brasileiro. *Lecturas: Educación Física y Deportes*, 17(172), 1-10.

Marques Junior, N. (2015). A contribuição norte-americana para o voleibol. *Lecturas: Educación Física y Deportes*, 20(203), 1-11.

Marques Junior, N. (2016). 3º set da final do voleibol masculino dos Jogos Olímpicos de 1984: estudo com o software Kinovea®. *Revista Observatorio del Deporte*, 2(3), 8-27.

Marques Junior, N. (2019). Benefícios da revolução russa. *Germinal: Marxismo e Educação em Debate*, 11(1), 210-221.

Marques Junior, N. (2020). Periodization models used in the current sport. *MOJ Sports Medicine*, 4(2), 27-34.

Marques Junior, N. (2020b). Breve história sobre a evolução da periodização esportiva. *Revista Edu-física.com: Ciencias Aplicadas al Deporte*, 12(25), 33-50.

Marques Junior, N. (2020c). O impacto da revolução de 1959 no esporte de Cuba. *Rebela*, -(-), -. aceito para publicação.

Matveev, L. (1977). *Periodización del entrenamiento deportivo*. Madrid: INEF.

McGown, C., Conlee, R., Sucec, A., Buono, M., Tamayo, M., Philips, W., Frey, M., Laubach, L., e Beal, D. (1990). Gold medal volleyball: the training program and physiological profile of the 1984 Olympic champions. *Research Quarterly for Exercise and Sport*, 61(2), 196-200.

Oliveira, P. (2008). *Periodização contemporânea do treinamento desportivo*. São Paulo: Phorte.

Ouellet, J. (1985). O voleibol. In. M. Nadeau, e F. Péronnet (Org.). *Fisiologia aplicada na atividade física* (p. 119-125). São Paulo: Manole.

O Globo (1985). *Brasil é quarto lugar na Copa do Mundo do Japão*, -(-), -.

Placar (1984). *Segundo mundialito*, -(-), -.

Placar (1984b). *Voleibol rumo ao ouro*, -(-), -.

Placar (1985). *As grandes frases do ano*, -(763), 13.

Placar (1985b). *Vôlei, o grande espetáculo*, -(763), 58-59.

Placar (1985c). *Um ano feminino*, -(816), 60-62.

Placar (1986). *Prontas para a aventura*, -(849), 71-73.

Placar (1987). *A alegria do vôlei feminino*, -(866), 66-67.

Saque (1986). *As eleitas*, -(-), 6.

Saque (1987). *Pré-olímpico, Brasil rumo ao ouro*, -(-), 8-11.

Silva, R., e Rivet, R. (1988). Comparação dos valores de aptidão física da seleção brasileira de voleibol masculino adulto, do ano de 1986, por posição de jogo através da estratégia Z CELAFISCS. *Revista Brasileira de Ciência e Movimento*, 2(3), 28-32.

Sperândio, L. (1986). A batalha dos cem dias. *Saque*, -(-), 8-10.

Tavares, M., e Mourão, L. (2016). Heloísa Roese, a primeira gaúcha a participar dos Jogos Olímpicos. In. C. Macedo e S. Goellner (Org.). *A participação gaúcha nos Jogos Olímpicos*. Porto Alegre: UFRGS.

Tubino, M. (1996). *O esporte no Brasil*. São Paulo: Ibrasa.

Tubino, M. (2002). *500 anos de legislação esportiva brasileira: do Brasil colônia ao início do século XXI*. Rio de Janeiro: Shape.

Ugrinowitsch, C., e Uehara, P. (2006). Modalidades esportivas coletivas: o voleibol. In. D. Rose Junior (Org.). *Modalidades esportivas coletivas* (p. 166-179). Rio de Janeiro: Guanabara.

Vlastuin, J., Almeida, B., e Marchi Júnior, W. (2008). O marketing esportivo na gestão do voleibol brasileiro. *Revista Brasileira de Ciência do Esporte*, 29(3), 9-24.